

CAPOEIRA



Revista de Humanidades e Letras

ISSN: 2359-2354

Vol. 1 | Nº. 1 | Ano 2014

Robson Carlos da Silva

José Olímpio Ferreira Neto

MESTRES DE CAPOEIRA: GRANDES CONHECEDORES OU DONOS DO PODER?

RESUMO

Este artigo é uma reflexão em torno da figura do Mestre de capoeira, principal responsável pela manutenção dessa prática cultural e educativa. Procurou-se nesse trabalho expor a importância e o papel do Mestre trazendo a seguinte problemática: Os Mestres são grandes conhecedores ou donos do poder? Partindo dessa pergunta, tece-se alguns comentários quanto à formação dos mesmos e o trabalho que desenvolvem em seus grupos. Para atingir tais objetivos, parte-se da experiência pessoal e de pesquisa bibliográfica. Ao término dessa pesquisa, afirma-se que os Mestres são os maiores divulgadores dessa manifestação cultural no Brasil e alhures, alguns exploram a força de trabalho de seus alunos, porém outros tem em seus discípulos, companheiros que os ajudam na árdua tarefa de divulgação.

PALAVRAS-CHAVES: mestre; capoeira; grupos de capoeira.

ABSTRACT

This article is a reflection on the figure of the Capoeira Master, the main responsible for the maintenance of this cultural and educational practice. In this research, we tried to expose the importance and the role of the Master. We ask this question: are The Masters connoisseurs or the big bosses? From this question, we comment on their training and their work in groups. To achieve these objectives, we start with our own personal experience and literature research. At the end of this research, it is stated that the Masters are the biggest promoters of this cultural manifestation in Brazil and elsewhere, some exploiting the workforce of their students, while others have their disciples as companions that help in the arduous task of dissemination.

KEY-WORDS: master; capoeira; capoeira's group.

Site/Contato

www.capoeirahumanidadeseletras.com.br

capoeira.revista@gmail.com

Editores

Marcos Carvalho Lopes
marcosclopes@unilab.edu.br

Pedro Acosta-Leyva
leyva@unilab.edu.br

MESTRES DE CAPOEIRA: GRANDES CONHECEDORES OU DONOS DO PODER?

Robson Carlos da Silva¹
José Olímpio Ferreira Neto²

Introdução

Em 2008, a Capoeira foi registrada com Patrimônio Cultural do Brasil e os Mestres de Capoeira foram inscritos no Livro dos Saberes. Os Mestres são os principais responsáveis pela manutenção dessa cultura singular. Este artigo é uma reflexão em torno dos mesmos. Procurou-se, aqui, expor a importância do seu papel trazendo a seguinte problemática: Os Mestres são grandes conhecedores ou donos do poder? Partindo dessa pergunta tece-se alguns comentários quanto à formação dos mesmos e o trabalho que desenvolve em seus grupos.

Para atingir tais objetivos parte-se do conhecimento *in locus* de SILVA (2011) e FERREIRA NETO (2008), através de suas experiências de longos anos imersos nessa prática cultural e uma pesquisa bibliográfica fundamentada em estudiosos da Capoeira, além de ADORNO & HORKHEIMER (1985) para a descrição da prática como cultura de massa e de WULF & GEBAUER (2004) para a descrição da aprendizagem capoeirística.

A pesquisa resultou nesse texto que é dividido nas seguintes partes, *O que é ser Mestre?*; *O mestre e o poder através do grupo-empresa*; *Nível superior para ser mestre de capoeira: falácia ou condição indispensável?*.

1. O que é ser Mestre?³

Não se pretende, aqui, responder de forma dogmática tal questionamento, mas levantar algumas reflexões acerca do significado do termo Mestre no mundo da Capoeira. Para atender tais demandas este tema divide-se em duas partes, a saber, *O termo Mestre* e *Mestre-educador*. Neste busca-se apontar o capoeirista como um jogador estudioso e naquele introduzir o tema a partir do uso do seu termo para compreendê-lo dentro de seu universo.

1 Mestre de Capoeira. Doutor em Educação. Professor da Universidade Estadual do Piauí. Membro (coordenador) do Núcleo de Pesquisa em História Cultural, Sociedade e História da Educação Brasileira da Universidade Estadual do Piauí. E-mail: bobescoladecapoeira@hotmail.com.

2 Mestre de Capoeira. Acadêmico do Curso de Direito da Universidade de Fortaleza. Licenciado em Biologia, Bacharel em Filosofia e Especialista em Educação. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Direitos Culturais, da Rede de Desenvolvimento Econômico e Sustentável da Capoeira no Ceará e do Núcleo de Pesquisa em História Cultural, Sociedade e História da Educação Brasileira da Universidade Estadual do Piauí. E-mail: jolimpioneto@hotmail.com.

1.1. O termo *Mestre*

Segundo o dicionário Michaelis UOL (2000) o vocábulo "mestre" tem as seguintes definições:

s. m. 1. Professor. 2. Aquele que é versado em uma arte ou ciência. 3. Aquele que ensina uma arte ou ciência. 4. Tudo o de que se tira lição. 5. Chefe ou iniciador de uma escola de pintura. 6. Artífice que dirige outros oficiais, ou trabalha por conta própria. 7. Chefe de oficina. 8. Aquele que tem o mestrado. Adj. 1. Que está em posição superior a. 2. Diz-se do que comanda. 3. Exímio, perito.

Quanto ao termo "Mestre de Capoeira" também pode-se encontrar várias situações para o seu emprego. Quando um indivíduo ministra aulas de capoeira, seus alunos lhe têm como mestre, mesmo que não possua tal graduação e o reconhecimento da comunidade. Em outra situação, um indivíduo que treina Capoeira desde criança chega à idade adulta somando mais de vinte anos em sua prática, já se encontra a um bom tempo na penúltima graduação, seu mestre lhe dá a última graduação, logo é um mestre. Se este também vem desenvolvendo trabalho ao longo dos anos, tem mais propriedade para tal título. Outra situação, quiçá, a mais sublime é quando o indivíduo soma vários anos dentro dessa manifestação cultural, prestando serviço a essa arte brasileira aliado ao seu amadurecimento. Tem alunos de alunos que ministram aulas, indubitavelmente, aí tem-se um Mestre de capoeira. Observa-se aí três momentos distintos, cada um com seu motivo de ser.

Fato que decepciona os profissionais que trabalham no dia-a-dia com a Capoeira é o ato de indivíduos que adentraram nessa prática no período da adolescência, treinam três anos, deixam totalmente de frequentar as rodas durante uma larga escala de tempo, amadurecem e por volta de seus trinta ou quarenta anos resolvem retornar ao esporte com título de mestre conseguido *sei lá onde e sei lá com quem*, totalmente desorientados quanto às transformações da cultura.

Compreende-se a situação de um praticante que por motivos sociais não pode dispor uma grande quantidade de seu tempo para prática por conta de outra atividade que exerce. Mas, se esse, sempre que pode, frequenta as rodas, busca se atualizar sobre as informações e transformações que a atividade sofre, aí tem-se um amante da arte que, embora não esteja no rol dos profissionais, contribui com parcela significativa para o seu engrandecimento e desenvolvimento, e com o tempo certo, observado seu trabalho, recebe de seu mestre a graduação correspondente ao último estágio.

3 Trata-se de uma releitura do capítulo, de mesmo nome de autoria de José Olímpio presente na 1ª edição do livro *Consciência*

Ninguém se faz mestre ou diz que é mestre, os outros o consideram como tal. Ninguém pode se apropriar do direito de liderar um grupo se este não o permitir, o respeito e a confiança se conquista durante um longo percurso. O verdadeiro mestre não aprisiona, ele liberta o discípulo para que este siga novas veredas no intuito de construir um novo mundo. Um mundo com autonomia onde o mesmo possa espalhar o ideal de liberdade desenvolvido na prática da capoeira. Sousa (2000, p. 8), conhecido nas rodas como Mestre Chitãozinho, afirma que "[...] o bom professor ou mestre não é aquele que deseja ser a verdade ou visa formar um número assombroso de alunos, mas aquele que tenta fazer com que os mesmos encontrem em si mesmos seu próprio guia". A última graduação de um esporte não significa dizer que o indivíduo seja mestre. Mestre requer um tempo de vida onde o indivíduo possa adquirir experiência suficiente para aconselhar ou indicar quais os rumos que os mais jovens devem tomar para obter êxito em sua caminhada nessa arte de raízes africanas.

1.2. O Mestre-Educador

Esse termo, *Mestre-Educador*, parece redundante, porém foi usado, aqui, para enfatizar o caráter educacional da figura do Mestre, pois muitas vezes essa característica é esquecida. Aqui, tenta-se lembrar da importância dessa figura no processo de ensino-aprendizagem. O Mestre de Capoeira é acima de tudo um Educador.

Antigamente e ainda hoje, o Mestre de Capoeira tem um grau de intimidade com seu discípulo, buscando sempre saber como está a vida deste. No contato com seus discípulos, o Mestre de Capoeira desenvolve uma relação de afeto que vai se construindo aos poucos. O pesquisador Fred Abreu (*apud* CASTRO JÚNIOR, 2004 p. 150) diz que:

A relação do mestre com o aluno na capoeira é uma relação extremamente importante porque ela é pessoal, e os ensinamentos são transmitidos como se fossem um segredo, com um certo grau de intimidade [...] o mestre preocupa-se em estar próximo dos alunos. Os movimentos são feitos bem perto, ele ensina pegando em sua mão, vai "ajeitando" o seu corpo. Todo esse processo é próprio da pedagogia africana: é uma forma rica de suscetibilidade na passagem dos movimentos, através dos toques.

A Roda de Capoeira⁴ é o local onde acontece sua prática. Os relacionamentos sociais e o aprendizado da cultura através da oralidade se processa principalmente nesse espaço.

Capoeirística do Mestre Chitãozinho (SOUSA, 2008).

4 A organização do espaço de prática da capoeira em forma de círculo, composto por praticantes e assistentes, e com dois contendores jogando ao centro, realizada em espaços públicos das cidades como praças, praias, mercados públicos, cais de portos, assim como nos espaços de treinos, tais como academias, clubes sociais, escolas, quadras de esportes, salões de associações, dentre outros espaços pois todo treino de capoeira termina com uma roda de capoeira, constituindo-se em um espaço em que qualquer pessoa pode participar, mesmo aquele que apenas admira e queira conhecer e se divertir jogando a capoeira. Geralmente é organizada por um mestre, professor ou aluno graduado. O ritual que permeia o desenvolvimento de uma roda de

No momento da roda, os participantes ficam atentos ao canto do capoeirista – principalmente se os mestres mais experientes estiverem cantando – porque é justamente nesse momento em que a cultura é executada, revigorada e praticada no seu contexto peculiar; na roda de capoeira, ela vai ser revivida e transmitida com toda sua vitalidade expressiva da cultura popular. (CASTRO JÚNIOR, 2004, p. 149)

Nota-se na citação acima o respeito e a atenção dada ao canto, principalmente se este é executado por um capoeirista mais velho. Tal ato marca uma tradição na Capoeira, o Mestre nesse momento transmite através da oralidade as lendas, os fatos, a memória, as recordações, as regras consuetudinárias e valores espirituais adquiridos através de gerações.

A este respeito quem nos traz uma contribuição relevante são Wulf e Gebauer (2004) na explicitação do conceito de Mimese e seu duplo sentido que envolve além de imitação, o fazer-se parecido, trazer algo à representação, expressar e pré-encenar, não se restringindo, como os autores fazem questão de enfatizar, à arte, poesia e música, mas se fazendo essencial em muitas áreas humanas e da vida social, tais como da ação, da imaginação, do pensamento e da fala, tal, entendemos ser, o caso do ensino e aprendizagem na Capoeira, das relações características do mestre e discípulo, como podemos perceber na citação a seguir:

No movimento mimético, um mundo precedente já interpretado, será interpretado a partir de um mundo criado simbolicamente. Desta forma ocorre uma nova interpretação de um mundo já interpretado. Isto vale para a própria repetição, ou para a simples reprodução. Assim, um gesto ocorrido repetidamente cria outras estruturas de sentido diferentes do gesto inicial. Ele isola um objeto ou um acontecimento do contexto ocorrente, e reproduz uma perspectiva de recepção diferente daquela da qual o mundo precedente é percebido. [...] No agir mimético há uma intenção de mostrar um mundo criado simbolicamente de forma tal que ele seja visto como um mundo determinado. (GEBAUER; WULF, 2004, p. 157).

O Mestre deve orientar os mais imaturos. Mestre Bimba *apud* (ALMEIDA, 1999, p. 48) dizia a um de seus discípulos: “– Meu filho! O caminho da verdadeira Capoeiragem não é para qualquer um. [...] Você precisa aprender a se controlar no jogo, respeitar seu colega... andar direito, abrir os olhos p’ro certo e p’ro errado” (*sic*). Por sua vez Mestre Pastinha, outro mestre de grande relevância para o universo da Capoeira, diz que:

O capoeirista deve ter em mente que a Capoeira não visa, exclusivamente, preparar o indivíduo para o ataque ou defesa contra uma agressão, mas, desenvolver, ainda, por meio de exercícios físicos e mentais um verdadeiro estado de equilíbrio psicofísico, fazendo do capoeirista um autêntico desportista, um homem que sabe dominar-se antes de dominar o adversário. (PASTINHA, 1988, p. 32)

capoeira é basicamente um momento de prática livre da capoeira, podendo envolver uma grande diversidade de pessoas, causando uma múltipla gama de reações: em alguns casos estranheza; em outros perplexidade; em outros, ainda, fascínio.

Ambos os Mestres visam acima de tudo desenvolver no sujeito o controle de suas emoções, gerando assim, uma pessoa mais equilibrada para o convívio em sociedade. Apesar de a Capoeira ser pautada em um ideal de liberdade, ela não é praticada de modo irresponsável, os mestres orientam seus alunos seja na roda de capoeira, seja na roda da vida.

Segundo Schettini (2005, p. 34): “[...] só conseguiremos através do afeto, que nada mais é do que *fazer uma declaração de amor* aqueles a quem precisamos dar limites. É mediante o afeto que chegamos à disciplina e aos limites”. Dentro da Capoeira a disciplina é construída através do afeto e não apenas através de regras escritas. Uma relação baseada no afeto pode despertar o educando para o real sentido de seguir parâmetros éticos para uma melhor vida social.

Hoje, o capoeirista está ciente de seu papel de educador, de sujeito que colabora para formação de outros. Ele busca a formação dentro e fora de sua academia, interage com outros grupos a fim de observar as diversas visões da Capoeira. Busca também fora do universo capoeirístico aperfeiçoar seus conhecimentos. Na escola tenta ser um modelo de cidadão servindo de parâmetro para jovens, assim como Mestre Bimba foi e ainda é para seus discípulos e admiradores no universo da Capoeira.

2. O mestre e o poder através do grupo-empresa

Na década de 1940, os filósofos, Adorno e Horkheimer, ambos da Escola de Frankfurt desenvolvem o conceito de indústria cultural. Tal conceito trata da produção da cultura como mercadoria, o mercado das massas impõe aos produtos simbólicos, o mesmo esquema de organização e planejamento administrativo das fabricações em série. Revistas, programas radiofônicos, filmes, músicas são tratados pela “indústria cultural” da mesma forma que a fabricação de automóveis, a serialização e padronização da cultura; racionalidade técnica como racionalidade da dominação. Os produtos culturais são entendidos como produtos feitos para impedir a atividade mental do espectador, portanto são vistos como produtos alienantes – cultura da alienação. A Indústria Cultural anula toda a individualidade e qualquer ideia de resistência.

Segundo Capoeira (2009, p. 95): “Nos bons tempos [...] aprendia-se capoeira de forma natural e intuitiva: observava-se os movimentos dos jogadores na roda e tentava-se imitá-los, sozinho ou com algum companheiro fora da roda.” O aprendizado era realizado de maneira informal, não havia método que abrangesse uma grande quantidade de praticantes. “O mestre, ou algum jogador mais experiente, dava uma dica, ensinava alguma coisa” (CAPOEIRA, 2009, p. 95). A realidade hodierna é bem adversa à de outrora. A sociedade e os capoeiristas assumem outra formatação cotidiana.

Hoje [...] quase todos tem pouco tempo disponível; os mestres não andam perambulando por aí; não há muitas rodas de rua [...] onde se possa aprender por observação [...] a capoeira é ensinada em academias – cada instrutor pertencendo a um grupo ou associação -, dirigidas por um mestre com seu método próprio. (CAPOEIRA, 2009, p. 95)

Para que a Capoeira possa ser praticada-consumida por uma grande quantidade de indivíduos foi necessário o desenvolvimento de métodos de padronização. Na capoeira contemporânea, pode-se pensar em treinar o imprevisível, finge-se a espontaneidade, o imprevisível, na verdade, é aparente, todos conhecem os próximos passos. A “[...] cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança [...] toda cultura de massa é idêntica” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 99 e 100). A cultura, nesse novo modelo de sociedade, é feita em série, industrialmente, para um grande número de indivíduos. Dessa forma pode ser vista

[...] como produto trocável por dinheiro e que deve ser consumido como se consome qualquer outra coisa. É produto feito de acordo com as normas gerais em vigor: produto padronizado, como uma espécie de *kit* para montar, um tipo de pré-confecção feito para atender as necessidades e gostos médios de um público que não tem tempo de questionar o que consome. (COELHO, 1986, p. 11)

A Capoeira nesse novo contexto se entrega como mais uma mercadoria do capitalismo. O padrão robótico é vendido em nome de uma aprendizagem rápida e que possa modelar o corpo aos padrões atuais de beleza. Porém nem sempre isso foi assim...

[...] a Capoeira de hoje é capitalista [...] a frase não se *pode* aplicar a toda Capoeira, mas sim a grandes porções dos estilos hoje massificados, [...] a simples observação das respectivas gingas, fornecerá elementos para considerá-los estilos massificados. [...] é capitalista não por ser cara, não por ser custosa, mas por reproduzir, tímido por tímido, aspectos fundamentais da ideologia do sistema em que vivemos [...]”. (RABELO, 2010)

Além do método uniforme de ensino e prática, há, ainda, um respeito acentuado às hierarquias. Na Capoeira, assim como “[...] no sistema capitalista o respeito à autoridade, à hierarquia, é necessário ao funcionamento das instituições [...]”. (RABELO, 2010) Dessa forma os líderes dos grupos podem ter o controle sobre os integrantes, deixando-os no estágio da heteronomia.

O capoeirista-empresário, dono de um mega-grupo espalhado pelo mundo, muitas vezes prostitui a atividade em nome dos apelos do mundo capitalista. O comportamento desse tipo de capoeirista é um reflexo da sociedade e suas relações com o trabalho e deste como uma inter-relação com o meio através das influências do capitalismo sobre as ações humanas.

Algumas instituições exigem do capoeirista um canudo-acadêmico. O canudo é um símbolo do aprendizado que não é superior, em nada, à vivência dentro da cultura viva, complementa a formação desta, não a substitui, nem a supera.

O respeito aos Mestres de Capoeira, instrutores, treinéis, contramestres, professores, entre outros, encaixa-se perfeitamente nos ditames daquele respeito à hierarquia. Respeito no sentido de que um manda e os outros obedecem, respeito no sentido de que os supostos saberes dos indivíduos de hierarquia mais alta prevalecem, necessariamente, sobre a suposta ignorância dos de hierarquia mais baixa.

A cultura de massa promove a alienação fazendo com que o indivíduo não forme uma imagem de si mesmo diante da sociedade, ela tem função narcotizante, enfatizam o divertimento de seus produtos, mascarando assim a realidade e proporcionando a fuga da mesma. Seu grande objetivo é promover o conformismo social para assegurar o *status quo* da classe dominante.

Os verdadeiros mestres sabem que: “O capoeirista, seja ele aprendiz ou um experiente mestre de oitenta anos de idade, exerce constantemente um duplo papel: está sempre ensinando e está sempre aprendendo” (CAPOEIRA, 2009, p. 95). Eles não aprisionam seus discípulos à sistemas estéreis, pelo contrário, se abrem a diversidade de ideias contidas nesses universo e se intitulam apenas capoeiristas. Treinam capoeira e não pertencem a um estilo determinado. Tem a bandeira apenas como identificação de um grupo de pessoas unidas para desenvolver trabalhos com a cultura.

3. Nível superior para ser mestre de capoeira: falácia ou condição indispensável?⁵

Em 23 de junho de 2006, o então presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, Senhor Luiz Fernando de Almeida, solicitou a abertura do processo de registro da Capoeira no Departamento de Patrimônio Imaterial – DPI, junto à sua Diretora, Senhora Márcia Sant’Anna. Sua justificativa aponta a valorização e o reconhecimento de uma manifestação cultural expressiva da contribuição africana para a cultura brasileira através dos seus toques, instrumentos, golpes, ginga e cantorias.

Em 2008, a então diretora do DPI do IPHAN, Senhora Márcia Genésia de Sant’Anna, lavrou a certidão de registro da Roda de Capoeira como Bem Cultural. Descrevendo sua presença além das fronteiras brasileiras, em mais de 150 países e apontando a Roda de Capoeira como espaço de transmissão de saberes, rituais, símbolos e código de ética através da vivência com os grandes Mestres reiterando valores e práticas da herança africana recriada no Brasil.

5 Adaptação do texto de autoria do Mestre Bobby, Silva (2011).

Ao registrar a capoeira como patrimônio cultural, o Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (Iphan) deu uma enorme contribuição à história do Brasil, no que tem de mais singular na herança do povo negro. A formação da identidade cultural brasileira é construída todos os dias pela conscientização de cada cidadão, que, nesses muitos séculos, vem protagonizando histórias em que se afirma a rica diversidade cultural na qual se formou este país. (ARAÚJO, 2008)

O ato em tela é o reconhecimento do valor dessa arte que chegou a ser criminalizada e que hoje é símbolo da identidade afro-brasileira. Tal ato também traz inúmeras expectativas que carregam algumas falácias sobre a formação do mestre de capoeira.

O Mestre Xaréu afirma que, hoje, “[...] o capoeirista é um jogador-estudioso, aquele que pratica a Capoeira e, ao mesmo tempo se interessa pela pesquisa, aprofundando e produzindo conhecimentos históricos, técnicos e antropológicos” (CAMPOS, 2001, p.47). Tal postura que se pede do profissional, não está ligada diretamente ao mundo acadêmico. Para realizar estudos e pesquisar, não é necessário estar ligado à uma Universidade. É fato que o mundo acadêmico colabora, direcionando o estudo, mas não é condição indispensável para tal realização.

Nessa vereda, indaga-se, aqui, se o nível superior é *conditio sine qua non* para o exercício do ensino da Capoeira ou, ainda, para receber o título de Mestre de Capoeira? Sem a pretensão de gerar debates acalorados, nem tampouco de rebater veementemente as ideias contrárias, evitando inclusive polêmicas desgastantes, procura-se levantar alguns argumentos a favor das Escolas de Capoeira enquanto espaço e locus privilegiado da formação ideal e integral dos capoeiristas.

Enfatiza-se, aqui, a necessidade de formação dos capoeiristas nos tempos atuais, no sentido de atender às demandas próprias da sociedade, em especial como forma de melhor adentrar as organizações, estatutos disciplinares e padrões axiológicos que compõem a cultura institucional de espaços em que a Capoeira hoje se insere, tais como escolas particulares e universidades, sem perder sua identidade.

Os discursos que prevalecem na atualidade, no entanto, remetem à ideia da necessidade de que os capoeiristas tenham uma formação acadêmica. Essa exigência não fica claro em nenhum documento oficial específico, não existindo definição sobre que tipo, como, onde, em quais contextos, modalidades e condições, são necessários para a formação do capoeirista. Além disso, não se especificam quem deve se submeter a tal formação, que no entanto, é exigência de algumas instituições, projetos e programas, o que leva a muitos professores e até Mestres com reconhecida competência na comunidade capoeirística, a se inscreverem em curso de Educação Física aligeirados e descontextualizados propostos por Conselhos de Educação Física como forma de não verem seus trabalhos fiscalizados e proibidos

de funcionar por não serem detentores de tais formações, tamanha é a propaganda aliada à falta de informação sobre o problema, mas que no fundo se assentam e se sustentam numa clara pretensão “capitalista”.

Resumindo: em relação à formação dos capoeiristas, acaba prevalecendo a ideia, notadamente nas pessoas que atuam com a prática e o ensino da capoeira em contextos populares e espaços públicos, de que os capoeiristas deverão se deter efetivamente sobre sua profissionalização, entendendo esse processo como formação acadêmica, universitária, de nível superior, sendo que somente os que buscarem e se capacitarem nesse modelo terão espaço na sociedade atual e do futuro, atendendo, dessa forma, às demandas da sociedade.

Existe uma necessidade, realmente urgente, do capoeirista buscar uma melhor formação, atualizar-se e capacitar-se. Isso se justifica, notadamente, pela ampliação de acesso que essa arte conseguiu, conquistando espaços em escolas, universidades, academias etc., o que exige a capacidade de comunicação e relacionamentos com uma pluralidade de pessoas pertencentes a uma diversidade de culturas.

Faz-se necessário a compreensão e domínio de códigos (linguagem, atitudes, valores, comportamentos, expressões) que regem os diálogos, entendimentos e organização das instituições e pessoas que fazem a cultura dessas instituições. Porém não há necessidade de abandono dos códigos culturais dos capoeiristas, à superação de uma “baixa” por uma “alta” cultura, da supressão de hábitos e valores menores em detrimento dos valores determinantes, ou seja, o capoeirista para ocupar espaço e desenvolver trabalhos em instituições sociais não precisa jamais ter que esquecer seus hábitos e os valores de sua cultura para ter a Capoeira aceita, nem tampouco assimilar valores estranhos à sua cultura, bastando conhecer, respeitar e resguardar a devida postura ética nas relações com as pessoas envolvidas em sua prática.

No entanto, para ter conhecimentos, saberes, competências e atitudes que garantam o bom desempenho educativo de sua atividade o capoeirista não necessita, obrigatoriamente, de uma formação acadêmica, ficando essa à sua livre escolha ou opção, visto que a capoeira nasceu, se desenvolveu e se reinventa constantemente a partir de sua matriz cultural popular, ou seja, permanece imbricada de códigos identitários e de pertencimento da cultura do povo brasileiro, devendo ser entendida e aceita nas mais diversas instituições mantendo essa matriz viva, inclusive como forma de garantir sua diversidade e sua pluralidade, características imprescindíveis para que uma manifestação seja reconhecida como patrimônio cultural.

O fundamento em que se assenta essa afirmação está explícito no próprio conceito que a Capoeira obteve historicamente em seu processo de constituição, pensada e desenvolvida enquanto uma escola que, assim como outras as práticas culturais populares, trabalha com um

processo educativo marcado por formas de ensino e de aprendizagem em que o movimento, o gestual, a oralidade, tornam a expressividade das ações dinamicamente conduzidas por uma mistura de alegria, felicidade, êxtase e, acima de tudo, malícia, oportunidade significativa para que os alunos possam aprender de forma integral, expressando sentimentos e emoções tornadas possíveis porque cada gesto e expressão que executam são permeados de história, resultando em um processo contínuo de reconstrução dessa história por meio das possíveis e complexas formas de agir que os corpos livres passam a ter.

Vale ressaltar que uma das características essenciais para uma manifestação se tornar Patrimônio Cultural é manter sua identidade, o que significa resguardar e valorizar suas diferenças, diversidade e pluralidade regional, de grupo e pessoal.

É esse valor que caracteriza a identidade e que deve ser ressaltado na Capoeira, conhecido e mantido pelos capoeiristas, se respeitando mutuamente, valorizando as diferenças entre os grupos, os rituais e tradições características da escola de cada Mestre, reforçando as liberdades de escolhas e garantindo que cada um possa expressar sua forma de conceber a Capoeira livremente, sem ter que seguir hierarquias construídas e impostas como verdades absolutas, enquadramentos ou alinhamentos em padrões definidos.

Considerações finais

O Mestre de Capoeira é construindo no mundo da Capoeira. Seu reconhecimento é dado pela comunidade composta por outros mestres, camaradas e discípulos. Seu saber é passado através das gerações a partir do convívio com os discípulos dentro e fora da roda.

Muitos usam a Capoeira como forma de domínio e exploração, porém sua essência libertária nega essa postura dentro de seu universo. Certamente, os Mestres são grandes conhecedores da cultura capoeirística. Os indivíduos que exploram a força de trabalho de seus discípulos não reconhecendo o devido valor não merecem ser chamados de Mestres e diversas vezes não são reconhecidos pela comunidade.

A Capoeira é uma luta de resistência contra o estabelecido como oficial, de negação contra todo tipo de oficialização, inclusive de qualquer tipo de “academicismo” que se deseje impor à educação não-formal, popular, própria da capoeira; contra, ainda, a todo tipo de negação à cultura dos capoeiristas, sua forma de falar, de se vestir, de manifestar sua religiosidade, suas opções, sua cultura específica e particular, enfim, sua forma de ser e de se expressar; a favor da prática da capoeira enquanto práxis pedagógica, prática pensada, refletida e política que antecede a educação escolar e foi forjada nos contextos sociais, nos meios populares, no bojo de encontro,

confronto e síntese das diversas matrizes culturais que contribuíram para a tecedura dessa cultura brasileira.

REFERÊNCIA:

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução, Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- ARAÚJO, Zulu. "Afirmção da Capoeira". *In: Jornal A Tarde: 21 de julho de 2008*, 2008. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2008/07/21/afirmacao-da-capoeira/>> acessado em: 26/01/2009.
- CAMPOS, Hélio. **Capoeira na Universidade: Uma Trajetória de Resistência**. s/ed., Salvador-BA: SCT, EDUFBA, 2001.
- CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira: pequeno manual do jogador**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- CASTRO JÚNIOR, Luis Vitor. **Capoeira Angola: olhares e toques cruzados entre historicidade e ancestralidade**. *In: Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas*, v. 25, n. 2, p. 143-158, jan. 2004.
- CD-ROM. Dicionário Michaelis UOL. 2000.
- COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. Coleção primeiros passos. São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense, 1986.
- BRASIL. Ministério da Cultura. **Dossiê: Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil**. Brasília, Iphan, 2007.
- FERREIRA NETO, José Olímpio. **O que é ser Mestre?** *In: SOUSA, Manoel Lima. Consciência Capoeirística*, 1ª ed. Fortaleza, CE, 2008.
- GEBAUER, Günter; WULF, Christoph. **Mimese na cultura: agir social, rituais e jogos, produções estéticas**. São Paulo: Annablume, 2004.
- RABELO, Mestre Fernando. **Capoeira Capitalista**. Disponível em: <<http://capoeiracambara.blogspot.com>> acessado em 04/06/2010.
- SILVA, Robson Carlos. **A Capoeira enquanto cultura identitária, diversa, plural e de resistência social: questões pertinentes à formação do capoeirista em contextos atuais**. Teresina-PI: Escola de Capoeira, 2011. Disponível em: <<http://www.escoladecapoeira.org>> acesso em 21 abr. 2011.
- SOUSA, Manoel Lima de. **A capoeira sob nova visão, ética e disciplina**. Fortaleza, CE: 2000.

Robson Carlos da Silva

Mestre de Capoeira, Doutor em Educação. Professor da Universidade Federal do Piauí. Membro (coordenador) do Núcleo de Pesquisa em História Cultural, Sociedade e História da Educação Brasileira da Universidade Estadual do Piauí. E-mail: bobescoladecapoeira@hotmail.com

José Olímpio Ferreira Neto

Mestre de Capoeira. Acadêmico do Curso de Direito da Universidade de Fortaleza. Licenciado em Biologia, Bacharel em Filosofia e Especialista em Educação. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Direitos Culturais, da Rede de Desenvolvimento Econômico e Sustentável da Capoeira no Ceará e do Núcleo de Pesquisa em História Cultural, Sociedade e História da Educação Brasileira da Universidade Estadual do Piauí. E-mail: jolimpioneto@hotmail.com.